



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO RELIGIOSA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES¹

*The role of the family in religious education
for children and adolescents*

Gisela Isolde Waechter Streck²

Resumo: A educação religiosa nas famílias – esse é o tema deste artigo. Antes de chegar aos desafios, a proposta é refletir sobre a primeira parte: educação e religião, e nessa discussão incluir a família. Como a família educa hoje suas crianças e seus adolescentes numa fé religiosa, na religião ou denominação religiosa a que pertence? A família ainda pertence a uma religião? Para responder a essas questões foi realizada uma pesquisa social, qualitativa, realizada por meio de um questionário. A pesquisa aconteceu numa escola pública, numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. São apresentados os dados da pesquisa e algumas questões que podem instigar a reflexão e o diálogo sobre a tarefa educativa da família na realidade de hoje.

Palavras-chave: Educação religiosa. Crianças. Adolescentes. Família.

Abstract: Religious education in families – this is the theme for this article. Before coming to the challenges, the proposal is to reflect on the first part: education and religion, and in this discussion include the family. How does the family today educate their children and teenagers in a religious faith, religion or religious denomination to which it belongs to? The family still belongs to a religion? To answer these questions a social qualitative survey was conducted through a questionnaire. The research took place in a public school in a city in the Rio Grande do Sul. The survey data are presented and some issues that may instigate reflection and dialogue on the educational task of the family in today's reality.

Keywords: Religious education. Children. Adolescents. Family.

¹ O artigo foi recebido em 28 de novembro de 2014 e aprovado em 15 de maio de 2015 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutora em Teologia pela Faculdades EST. Professora de Teologia, área de concentração Religião e Educação, e coordenadora do Mestrado Profissional na Faculdades EST em São Leopoldo/RS, Brasil. Contato: giselastreck@gmail.com

Introdução

A reflexão inicia com uma definição de conceitos que são usados, muitas vezes, como sinônimos: religião, religiosidade, fé. Mesmo que as conclusões abram novas possibilidades de debate, ainda assim é relevante tentar encontrar parâmetros para entender e diferenciar esses conceitos. Brandenburg baseia-se em Murad para definir e diferenciar religião e religiosidade: “A religiosidade é manifestação tangível da fé em um contexto cultural específico. Já a religião compõe-se como uma configuração histórica da fé e da religiosidade e expressa em conhecimentos, ritos e ética”³. A conclusão é de que “a religiosidade trata mais das próprias concepções que a pessoa possui sobre a vida, sobre a fé, sobre o divino”⁴.

Para Fowler, a fé é “um universal humano”, e o ser humano nasce com capacidades inatas para a fé. Por outro lado, como essa capacidade irá se desenvolver vai depender da forma como o ser humano é acolhido no mundo e do ambiente no qual está inserido. Fowler fala em fé humana e diz: “É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar um sentido a elas”⁵. O autor não se reporta, de imediato, a uma fé religiosa, mas a uma busca para dar sentido à vida.

Fowler também faz uma diferenciação entre fé e religião. O conceito religião é definido como “tradição cumulativa”, ou seja, reúne as experiências e expressões de fé de pessoas e grupos no transcorrer do tempo. Uma religião “acumula” textos, teologia e revelação, ritos, imagens, mitos e símbolos, liturgias, cantos e música que foram e/ou são comuns a um determinado grupo de pessoas ou comunidades.⁶

E afirma:

Antes de sermos religiosos ou irreligiosos, antes de nos concebermos como católicos, protestantes, judeus ou muçulmanos, já estamos engajados em questões de fé. Quer nos tornemos incrédulos, agnósticos ou ateus, estamos preocupados com as formas pelas quais ordenamos a nossa vida e com o que a torna digna de ser vivida⁷.

Para Smith, a necessidade e a busca que o ser humano faz para dar sentido à sua vida são anteriores à religião, ao sentimento de pertencer a um grupo religioso. Assim, a fé é “mais profunda, mais rica e mais pessoal” do que a religião. A fé é “gerada e sustentada por uma tradição religiosa, em alguns casos e em certo grau por suas doutrinas; porém ela é uma qualidade da pessoa e não do sistema”. Assim a fé é algo pessoal, “uma qualidade do viver humano”. A fé, então, não é, necessariamente,

³ MURAD apud BRANDENBURG, Laude E. A dimensão epistemológica da religiosidade. In: WACHS, Manfredo et al. (Orgs.). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 56.

⁴ BRANDENBURG, 2010, p. 57.

⁵ FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1992. p. 10, 15.

⁶ FOWLER, 1992, p. 20.

⁷ Fowler fundamenta-se em Paul Tillich e H. Richard Niebuhr.

religiosa, mas ela pode ser religiosa; ela pode ser vivenciada e ganhar expressão e significado numa determinada comunidade religiosa.⁸

Assim, religiosidade e fé estão bastante próximas por estar relacionadas a uma experiência mais pessoal que o ser humano faz. No primeiro caso, a religiosidade entendida como uma expressão da vivência de fé no seu grupo religioso, ou seja, uma vivência de uma fé religiosa; e no segundo, a fé vista de forma mais ampla, como busca que o ser humano faz para dar sentido para sua vida, independentemente se for religiosa ou não.

Fowler afirma que as famílias, as comunidades religiosas e as escolas têm “uma tremenda” responsabilidade pela influência que exercem sobre crianças e adolescentes. No caso da criança pequena, a influência das pessoas adultas é tão grande, a ponto de afirmar que “a vida de imaginação e fantasia da criança pode ser **explorada** por adultos, intencionalmente ou não”⁹ [grifo nosso]. Essa influência pode ser exercida pelo tipo de histórias, imagens e símbolos que são oferecidos às crianças, que podem **ou** abrir para a vida, sustentar amor, fé e coragem; **ou** “fazer surgir medo, rigidez e brutalização das almas”. Assegura que a família ou uma comunidade religiosa pode enfatizar de tal forma a figura do diabo, o pecado, o inferno e a perdição, que a criança precocemente será levada a uma conversão e a assumir uma “identidade de fé adulta”. A consequência disso poderá ser uma pessoa adulta com uma personalidade “muito rígida, frágil e autoritária”¹⁰.

As pesquisas de Fowler mostram como se dá essa influência da família no desenvolvimento da fé e da religiosidade do ser humano. Na fase da primeira infância surgem capacidades que são importantes para se entender a fé. Por exemplo, a criança aprende a falar, desenvolve a imaginação, a fantasia, a imitação. Ela vai compondo e entendendo a realidade a partir de fragmentos, de partes daquilo que ouve, junta a isso as imagens que sua cultura e seu meio oferecem e mais as associações que ela mesma faz. É assim que a criança vai gradativamente entendendo o mundo e a realidade.¹¹

A fé e a religiosidade começam a se desenvolver fazendo uso desse potencial: a criança é influenciada e imita os modelos e exemplos de fé das pessoas adultas com as quais convive. Se a fé da família for religiosa, ela vai aprender orações, canções, ouvir histórias, vai imitar os gestos que as pessoas ao seu redor fazem. Já consegue falar de Deus e descrever as imagens que vai formando a respeito de sua fé e de Deus. A relação que a criança teve e tem com seu pai e sua mãe e com sua família vai determinar sua noção sobre Deus. Assim como o pai e a mãe, também Deus ama e protege, ameaça e castiga. Ou seja, as qualidades do pai e da mãe são também atribuídas a Deus. A diferenciação entre Deus e pai e mãe acontece por meio de um longo processo e surge entre o quarto e o sexto ano de vida.

Para as crianças maiores as histórias são muito importantes. Ela está procurando diferenciar o que é real daquilo que é fantasia, mas sua percepção sobre Deus ainda

⁸ SMITH apud FOWLER, 1992, p. 21.

⁹ FOWLER, 1992, p. 115.

¹⁰ FOWLER, 1992, p. 115-116.

¹¹ FOWLER, 1992, p. 108, 113.

se dá a partir de imagens antropomórficas. Ela já tem possibilidades mais elaboradas de raciocínio, mas ainda o faz de maneira concreta, não conseguindo chegar à abstração. A criança é influenciada principalmente pela família e pelo sistema de fé e de valores que essa tem, mas, aos poucos, à medida que ingressa na escola e em outros grupos sociais, outras pessoas também começam a exercer certa influência. Nessa fase, o sentimento de pertencer a um grupo religioso, se for o caso, se torna mais forte e consciente, e a criança adota para si as histórias, as imagens, os mitos, os símbolos e as doutrinas desse grupo. Ou seja, a criança começa a entender que pertence a um grupo religioso, que tem uma “religião”. Ou não. Vai depender de sua família, do meio no qual está inserida e pelo qual ela é fortemente influenciada. O passo seguinte, o de questionar o sistema de fé e de valores de sua família e o pertencimento a um grupo religioso, poderá (ou não) ser dado na adolescência, ou posteriormente, ou nunca acontecer.¹²

A pesquisa social¹³

Na realidade de hoje, pai, mãe e família ainda educam seus filhos e filhas em termos de uma fé religiosa? Nos dias de hoje, a família consegue ser exemplo e modelo de fé religiosa para suas crianças? Para responder a essas questões foi realizada uma pesquisa social que investigou se a família educa crianças e adolescentes nas questões de fé e de religiosidade. Para tanto, se fez uma pesquisa qualitativa, e a coleta de dados foi realizada por meio de um questionário. A pesquisa aconteceu numa escola pública, numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. Nesse dia houve atividades com as crianças e suas famílias na escola durante todo o dia. A aplicação do questionário foi feita pela pesquisadora, com o auxílio de professoras e da direção da escola, e dela participaram 30 pessoas.

Quem são as pessoas adultas que responderam ao questionário? Na sua maioria, em termos de faixa etária, se situam entre 30 e 50 anos e têm ou convivem com crianças e adolescentes de três a 18 anos. São 17 mulheres e 13 homens. Na sua maioria são casados. Em termos de escolaridade, a maioria tem o ensino médio e oito pessoas têm pós-graduação. Das 30 pessoas pesquisadas, 13 pertencem à Igreja Católica e 17 à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; três responderam que não frequentam nenhuma denominação religiosa.

Uma pergunta teve como objetivo verificar o desenvolvimento da religiosidade das pessoas pesquisadas. Schweitzer afirma que a imagem de Deus é central para entender o desenvolvimento da fé e da religiosidade do ser humano. Quando se pergunta sobre a imagem que a pessoa faz de Deus, se está recebendo informações sobre o desenvolvimento da sua religiosidade. As mudanças que acontecem na maneira como o ser humano imagina Deus, no transcorrer da sua vida, são decisivas para entender o desenvolvimento da sua fé e religiosidade. Uma criança e até um adolescente

¹² FOWLER, 1992, p. 118-119.

¹³ Os dados apresentados constam no Relatório de Pesquisa.

imagina Deus de forma antropomórfica. De uma pessoa adulta, no entanto, se espera que ela tenha reelaborado essa forma antropomórfica para uma imagem abstrata.¹⁴ Assim, perguntou-se ao grupo como imaginava Deus quando criança e 20 pessoas apresentaram, nas suas respostas, uma imagem antropomórfica; e outras sete pessoas não responderam à pergunta: **papai do céu**, ser superior, sábio, ser que **ama todos**, poderoso, misericordioso, pessoa com vida infinita, um homem, **anjo de bondade**, barba grande, um homem **velho e sábio**, um senhor de barba branca, rosto feito de nuvens, rosto de Jesus.

Entre as respostas, sobressaiu a imagem do velhinho de barba branca. Um homem velho e sábio, de roupa branca e cabelos longos, sentado nas nuvens é a imagem clássica das crianças. Será que as crianças ainda imaginam Deus dessa forma? Na realidade de hoje, quem é velho não é considerado sábio. As crianças sabem mais do que os velhos, “eletronicamente” falando – aqui não se está falando de vivências e experiências de vida, mas de manuseio tecnológico. Numa realidade como a de hoje, onde as tecnologias de informação e comunicação dominam o dia a dia, também e especialmente de crianças e jovens, esse é o parâmetro de sabedoria: sabe quem tem domínio tecnológico, no caso, não os velhos, mas os jovens. Por isso exemplo e modelo de identificação para as crianças são, em grande medida, aqueles que são jovens, belos e bem-sucedidos. Será que as crianças de hoje têm a oportunidade de conviver com pessoas idosas, com avós e avôs, de tal modo que possam ter neles modelos de identificação? As pesquisas sobre o desenvolvimento da imagem de Deus mostram que a experiência relacional com a família e as pessoas mais próximas possibilita a construção da imagem antropomórfica de Deus.

Nas respostas dadas fica claro o quanto pai e mãe e a família influenciaram na construção da imagem de Deus: o olhar profundo e bondoso, aquele que ama todos, o anjo de bondade. Aqui se pode ver o quanto as experiências de dependência e de cuidados, de apego e de medos que o ser humano sente, seu relacionamento com a figura materna e paterna, são os elementos constitutivos da religiosidade. Esses primeiros sentimentos e representações é o campo onde uma noção sobre Deus começa a desabrochar. Só mais tarde, quando a criança começa a verbalizar ou visualizar sua imagem de Deus, é possível ver o quanto as primeiras experiências com mãe e pai influenciam a formação de uma imagem de Deus.

Uma segunda pergunta indagou sobre a imagem de Deus hoje, e para sete pessoas continua sendo a imagem antropomórfica, e essa é, em grande medida, a imagem de Deus como um Pai. Outras sete pessoas trouxeram uma imagem abstrata: força poderosa, luz, caminho de luz, estrutura para tudo, Deus está na natureza, no Universo.

Já nove pessoas apresentaram uma imagem indefinida, descrita a partir da funcionalidade de Deus e levando em consideração certos conceitos teológicos: Deus

¹⁴ SCHWEITZER, Friedrich. *Lebensgeschichte und Religion: Religiöse Entwicklung und Erziehung im Kindes- und Jugendalter*. 3. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1994.

nos protege, nos salva; **Protetor** de seus servidores, Deus do bem, da paz e da Vida; encaminha para o caminho correto; meu guia espiritual, meu **protetor**.

A mudança que pode ser percebida, além da imagem abstrata, é a linguagem mais teológica ou a repetição do discurso religioso que se ouve nos cultos e missas: ser todo-poderoso, salvador, guia espiritual. É o Deus como apresentado pelas denominações religiosas. Deus ainda é o protetor, mas é mais poderoso e menos amoroso e bondoso. Em termos de desenvolvimento religioso, é a partir da idade escolar que a criança transita, cada vez mais, em diferentes grupos sociais, além da sua família. Seu círculo social se amplia e com isso também aumenta o número de pessoas e grupos que, por meio do ensino e da vivência, influenciam a sua religiosidade. Inserida nessa nova realidade, a criança confronta-se, pela primeira vez, com um problema: como associar o Deus próprio, a imagem “construída” a partir das experiências e da vivência com pai e mãe e família, com o Deus “oficial”, apresentado pela igreja? Uma das respostas possíveis para essa indagação é a que esse grupo de pessoas deu: abandonou-se a imagem antropomórfica, fala-se menos de um Deus amoroso e incorporam-se elementos novos, tirados daquilo que se ouve. Como disse uma pessoa: “[...] tem a ver com minha visão de criança, apenas com um pouco mais de fundamentação [...]”.

A seguir, perguntou-se sobre a educação religiosa que a família proporciona para suas crianças e adolescentes. Para a pergunta: Nos dias de hoje, você considera importante educar as crianças na fé religiosa da família, 28 pessoas responderam Sim e uma respondeu Não.

Os motivos para educar foram os mais diversos:

- É bom, pois sabemos que existe algo maior e está presente entre nós; **tem o bem, as coisas certas, seguras e sadias, mas também o mal**, com tudo ruim, **com dor** e penoso. Devemos **orientá-los sempre no caminho do bem**.
- Deus é o sentido da nossa existência, Dele viemos e para Ele retornaremos. Se não passarmos essa verdade a nossos filhos, com esta sociedade oferecendo **valores totalmente opostos**, com certeza **os perderemos para este mundo “pagão”** e não serão felizes.
- Nos dias atuais, o envolvimento das pessoas é muito grande, com tudo que está à nossa volta (**muitas opções**). Mas se deve explicar desde pequeno que existe a fé em Deus e isso é fundamental para seu desenvolvimento.
- Porque a família é a base da sociedade e a fé em Deus é o que sustenta a família.
- Sim, porque a religião mostra limites entre **o que é certo e errado** e ajuda a fortalecer os laços de sentimentos e atos bons.
- É de suma importância **para que não se percam no caminho largo**.
- Acho que a educação cristã começa em casa, não sendo radical, mas do jeito que estão as outras igrejas iria confundir muito a cabeça das crianças, e essa **é função dos pais, avós, tios e padrinhos**. E sabemos que a base e o manual do cristão é a Bíblia.

Para a pergunta: A quem cabe educar as crianças numa fé religiosa, 20 pessoas responderam que a tarefa é da família. Já as opções “comunidade religiosa” e “escola” praticamente não receberam resposta.

A pergunta: “Você educa seus filhos e filhas na sua fé religiosa?” recebeu 26 respostas afirmativas e duas pessoas responderam que não. Nas respostas dadas, duas questões chamam a atenção: o ensinar (educar) e o ir (levar) para a igreja. Para essas famílias, é compromisso levar suas crianças para a igreja e incentivar seus jovens para que tenham vivência comunitária. O ensinar também está relacionado à questão religiosa: ensinar a rezar, a ter fé em Deus, a ser justo; por meio das leituras bíblicas e da vivência em comunidade. Duas pessoas trazem também o diálogo e a conversa e somente uma pessoa fala em ser exemplo.

Na pergunta anterior, sobre o porquê de educar as crianças e os adolescentes, as respostas tiveram dois focos principais: 1. existe o bem e o mal, o certo e o errado, o caminho do bem e o caminho largo; 2. são importantes motivos os valores, a crença, a orientação para que sigam o caminho do bem e façam o que é correto. A maneira de se fazer é por meio do ensino e da vivência comunitária.

E nos dias de hoje, a família ainda consegue ser exemplo e modelo de fé para suas crianças? O sim foi a resposta de seis pessoas e os motivos foram a possibilidade de oferecer um modelo, dar testemunho do que é certo, exemplos e atos, o ensino e a fé em Deus. Por outro lado, 15 pessoas responderam que a família de hoje não consegue ser modelo e exemplo para suas crianças e adolescentes. Os motivos apresentados são a falta de modelos, de valores, de vivência comunitária, a falta de respeito. Também apontam para a falta de tempo, as dificuldades e as separações entre os casais.

Neidson Rodrigues, ao falar sobre a responsabilidade pela tarefa educativa das novas gerações, enumera a família, a comunidade, as religiões, a sociedade, as instituições escolares, e afirma: “As famílias têm perdido sua hegemonia educativa, na medida em que desestruturaram as relações tradicionais entre seus membros. Os pais estão cada vez mais ausentes da vida dos filhos, desde os primeiros dias de suas vidas”¹⁵. Por outro lado, aponta também para as demais instâncias formativas como incapazes de prover uma formação adequada, nos dias de hoje:

Igualmente, a Igreja deixou de representar uma instituição unitária e hegemônica, capaz de dar direção moral às novas gerações. E as comunidades desapareceram nas formas novas de organização da vida coletiva nos tempos modernos. Cada vez mais as pessoas apenas vivem fisicamente próximas, sem qualquer unidade de projetos sociais, de princípios éticos, de trabalho, de dever, de relações. As cidades, por sua vez, se transformaram em simples aglomerações populacionais e não são formas de organização humanitária da vida coletiva¹⁶.

¹⁵ RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. *Educação & Sociedade*, ano XXII, n. 76, outubro 2001. p. 253

¹⁶ RODRIGUES, 2001, p. 253

As questões apontadas são relevantes e merecem um aprofundamento, com novas pesquisas e dados, e uma reflexão. Como famílias e comunidades religiosas, por meio de seus espaços educativos, podem assumir essa tarefa de educar as novas gerações e assim contribuir para a educação religiosa de seus filhos e filhas?

Considerações finais

A pesquisa foi realizada numa escola no interior do estado do Rio Grande do Sul e não num centro urbano de uma grande metrópole. O senso comum, muitas vezes, sugere que os problemas que Rodrigues aponta, em grande medida, inexistem em comunidades do interior. Neste sentido, é significativo que 50% das pessoas entrevistadas afirmam que a família não consegue mais dar conta de sua tarefa educativa. Mette faz uma pergunta que pais, mães e a família mais ampla deveriam responder: “O que é para mim tão importante e tão valioso que de qualquer modo eu gostaria que fosse transmitido à geração seguinte para a vida deles?” E afirma que essa pergunta tem a ver com os “dogmas da própria vida”¹⁷.

Rizzuto, a partir de seus estudos sobre o nascimento da imagem de Deus, afirma que as imagens e os símbolos religiosos estão presentes de modo tão amplo na sociedade que virtualmente nenhuma criança atinge a idade escolar sem ter construído – com ou sem instrução religiosa – uma ou mais imagens de Deus.¹⁸ Neste sentido, é importante procurar conhecer a imagem de Deus que crianças e adolescentes trazem “de casa” e “da rua”. Mais ainda, conhecer o que a família pensa a respeito e a educação que oferece para suas crianças e adolescentes; e como eles mesmos, pai e mãe, se articulam em termos de fé e religiosidade, ou não.

Uma das possibilidades é ouvir não só a família, mas também crianças e adolescentes. A oralidade é um instrumento adequado e oferece a possibilidade do protagonismo, na medida em que permite que se expressem e sejam ouvidos. Gobbi afirma: “Parte do princípio de que nós adultos falamos sobre elas [neste caso, as crianças], sem, contudo, ouvi-las ou mesmo enxergá-las em suas produções, e de que nosso conhecimento sobre as crianças de um modo geral ainda é muito pequeno”¹⁹. O que as crianças realmente pensam? O que elas dirão se as deixarmos falar? A oralidade possibilita “um maior aprofundamento sobre como crianças pequenas percebem o mundo no qual estão inseridas”. Assim, a oralidade permite “conhecer mais sobre os olhares e as concepções que as crianças pequenas têm de seu universo, que é também por elas construído, vivenciado, imaginado, desejado, desenhado”²⁰.

¹⁷ METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. *CONCILIUM*, Petrópolis: Vozes, n. 2, 1996. p. 124.

¹⁸ RIZZUTO *apud* FOWLER, 1992, p. 113.

¹⁹ GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 86.

²⁰ GOBBI, 2000, p. 87.

Outra metodologia relevante é o desenho, que permite à criança e à/ao adolescente expressar a imagem que fazem do Transcendente. Fowler afirma que todo conhecimento começa com imagens e a maior parte desse conhecimento é guardada como imagens: “A imagem une ‘informação’ e sentimento; mantém juntos orientação e significado afetivo. Como tais, as imagens são anteriores e mais profundas do que os conceitos”²¹. Que imagens são oferecidas às crianças e adolescentes pelas famílias e que influenciam sua fé e religiosidade?

Mette apresenta passos para desenvolver a vida, a fé e a religiosidade de crianças, e diz que é preciso colocar “à disposição delas o espaço que leve em conta suas necessidades de desenvolvimento”. Um espaço “onde elas possam desenvolver suas capacidades espirituais e emocionais podendo seguir seus impulsos de descobrir o mundo que as envolve e de relacionar-se com outras pessoas”²². Nesse espaço de convivência devem existir pessoas com sensibilidade, em quem as crianças possam confiar seus receios e preocupações, com quem possam discutir suas experiências, e que reconheçam seus progressos individuais no conhecimento e na vida afetiva.²³

A adolescência, por outro lado, se caracteriza pela possibilidade de mudar a imagem de Deus. Essa fase da vida pode se caracterizar por conflitos e por questionamentos a respeito da existência de Deus. Até o início da adolescência, as pessoas estão profundamente identificadas com seus modelos significativos, com pessoas adultas e com os grupos aos quais pertencem. Posteriormente e no transcorrer dessa fase, no entanto, pode se instaurar uma grande necessidade de examinar tudo o que foi ensinado pela família, e adolescentes vão querer fazer suas próprias escolhas. Para isso precisam questionar e perguntar, para que possam chegar a suas próprias conclusões e certezas. Pessoas adolescentes necessitam de um espaço protegido para poder dialogar; necessitam compartilhar suas experiências, medos e anseios, seus planos e projetos de vida. Pessoas adolescentes necessitam de um espaço para poder falar, ouvir e receber orientação para as perguntas pelo sentido da vida.

Referências

- BRANDENBURG, Laude E. A dimensão epistemológica da religiosidade. In: WACHS, Manfredo et al. (Orgs.). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1992.
- GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. *CONCILIUM*, Petrópolis: Vozes, n. 2, p. 120-134, 1996.

²¹ FOWLER, 1992, p. 33.

²² METTE, 1996, p. 125.

²³ METTE, 1996, p. 125.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. *Educação & Sociedade*, ano XXII, n. 76, p. 232-237, outubro 2001.

SCHWEITZER, Friedrich. *Lebensgeschichte und Religion: Religiöse Entwicklung und Erziehung im Kindes- und Jugendalter*. 3. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1994.